

Dr^a Daniela Büchler <d.m.buchler@herts.ac.uk>

Prof Dr Michael Biggs <m.a.biggs@herts.ac.uk>

Faculty for the Creative and Cultural Industries

University of Hertfordshire

College Lane

Hatfield

AL10 9AB

UK

email <d.m.buchler@herts.ac.uk>

email <m.a.biggs@herts.ac.uk>

tel. 00 44 1707 285341

Dr Daniela Büchler has a BArch, MA(Res), PhD Architecture (FAUUSP) and PhD Design (Staffordshire, UK). She has been involved internationally with the organization of conferences, as an invited speaker and as a member of scientific committees. Currently, Daniela is Research Fellow at UH where she is project leader of academic research in areas of design practice; is Visiting Research Fellow at Mackenzie University, São Paulo, Brazil; and is Guest Scholar at Lund University, having been awarded a post-doctoral scholarship by the Swedish Institute.

Prof Michael Biggs MA(Manchester, UK) PhD(Reading, UK) FRSA FHEA is Professor of Aesthetics at the University of Hertfordshire, UK, and Visiting Professor in Arts-based Research at the University of Lund, Sweden. He was Senior Research Fellow in Philosophy at the University of Bergen, Norway in 1994, and has degrees in both Fine Art and Philosophy. He was elected as Fellow of the Royal Society of Arts in 1989, and Fellow of the Higher Education Academy in 2007.

OITO CRITÉRIOS PARA A PESQUISA ACADÊMICA EM ÁREAS DE PRÁTICA PROJETUAL¹

RESUMO

Esse artigo trata de dois problemas centrais da pesquisa em áreas de prática projetual, o assim denominado *practice-based research*: a identificação de condições fundamentais, e portanto a identificação de exemplos de fato. O artigo é crítico dos métodos usados em estudos de caso anteriores que empregaram argumentação circular. Assume-se aqui que a pesquisa nas indústrias criativas e culturais está situada na grande área de pesquisa acadêmica, e que é um processo cumulativo. A partir dessa posição, é tomada uma abordagem com base em critérios para o desenvolvimento de condições necessárias para tal pesquisa, assim possibilitando a identificação de exemplos de fato. Essa abordagem resolve o problema circular que ocorria em estudos de caso anteriores. O artigo conclui que existe, para a pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual, quatro critérios genéricos e outros quatro que são específicos às disciplinas nas áreas. A partir desses critérios, outras conseqüências seguem para o conteúdo de *practice-based research*. Esses oito critérios estão atualmente sendo usados pelos autores na identificação e investigação de casos de *practice-based research*.

Palavras chave: pesquisa acadêmica, base em pesquisa, guiada por pesquisa, critério, método, arte e design

ABSTRACT

This article addresses two core problems in practice-based research: the identification of fundamental conditions and, therefore, the identification of actual examples. It is critical of the methods in many earlier case studies involving circular argumentation. The article assumes that research in the creative and cultural industries is both situated in the larger field of academic research and that it is a cumulative process. From this it develops a criterion-based approach to the necessary conditions for such research, thereby enabling the identification of actual examples. This approach solves the circularity problem of earlier case studies. The article concludes that there are four generic and four discipline-specific criteria for academic research in the field. From these criteria other consequences follow for the content of practice-based research. These eight criteria are currently being used by the authors to identify and study cases of practice-based research.

Keywords: academic research, practice-based, practice-led, criteria, method, art and design

RESUMEN

Este artículo trata de dos problemas principales en relación a la investigación práctica (o investigación con elementos de la práctica). Estos problemas se refieren a la identificación de condiciones fundamentales y, por consecuencia, de la identificación de ejemplos validos de este tipo de investigación. Este trabajo evalúa los métodos de muchos estudios de caso anteriores que incluyen argumentación circular. El artículo presupone que la investigación en las industrias creativas y culturales está situada en el campo de la investigación académica y tiene aspectos de un proceso acumulativo. Desde este punto de vista, desarrollamos una aproximación con criterios para las condiciones necesarias para este tipo de investigación, permitiendo así la identificación de ejemplos válidos. Este enfoque resuelve el problema de circularidad en estudios de caso. El artículo concluye que hay cuatro criterios genéricos y cuatro criterios específicos a la disciplina para la investigación académica en este campo. A partir de estos criterios, se producen otras consecuencias para el contenido

de la investigación basada en la práctica. Estos ocho criterios son usados por los autores para identificar estudios de caso en investigación basada en la práctica.

Palabras clave: investigación académica, investigación académica basada en la práctica, investigación académica llevada por la práctica, criterios, métodos, arte y diseño.

INTRODUÇÃO

O título desse artigo contém, logo de início, algumas provocações.² Uma está no termo ‘pesquisa em áreas de prática projetual’ (*practice-based research*), que incita a pergunta: o que isso significa? Os autores anteriormente também empregaram o termo ‘*arts-based research*’, que é um termo usado mais corriqueiramente na Suécia, onde se aplica à pesquisa na qual a prática é integral ao método e não apenas o meio. Uma busca inicial na literatura disponível em torno do assunto revelou uma gama de terminologias análogas para além de ‘*practice-based*’ e ‘*arts-based research*’ como ‘*art-informed research*’, ‘*artists-as-researchers*’, ‘*creative researchers*’, ‘*artistic PhD*’, ‘*practice-based PhD*’, ‘*arts-based PhD*’, ‘*practice through research*’, ‘*practice as research*’, ‘*academy-based creative work*’, etc. Ao que tudo indica, a adoção de cada termo revela algumas preferências que são particulares a disciplinas e nações específicas, o que sugere a existência de relacionamentos distintos entre prática projetual e pesquisa acadêmica (Biggs and Büchler, 2008: 86). Entretanto, ao fazermos essas pequenas alterações no modo como descrevemos tais ligações, alteramos também a natureza daquilo que está sendo discutido.³ Uma segunda provocação está no uso do termo ‘critério’, que pode soar determinista demais. Neste artigo esclarecemos que pensamos nesses ‘critérios’ como uma das consequências do fato da pesquisa em área de prática projetual existir, essencialmente, como uma subcategoria da pesquisa acadêmica geral. Esclarecemos ainda como uma abordagem com base em critérios (*criterion-based approach*) pode superar uma série de problemas persistentes que acreditamos estarem contribuindo para estagnar o debate na área.

Nossa intenção neste artigo é fazer ligações entre, de um lado, a atividade profissional de alto nível que, em si, é assumida como pesquisa nas áreas de prática projetual e, de outro lado, a pesquisa acadêmica em disciplinas tradicionais, para que possamos identificar aspectos em comum entre os dois lados. Isso significa que uma das preocupações que temos quando usamos o termo *practice-based research (PbR)* é que isso possa sugerir a busca daquilo que existiria de particular às áreas de prática projetual. Este não é o caso – temos, na realidade, a intenção oposta. Neste artigo pretendemos estruturar um modo de responder à questão: a pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual é de

alguma maneira diferente dos modelos de pesquisa acadêmica que existem em outras disciplinas? Estamos tentando identificar o que – ao desenvolver pesquisa acadêmica – artistas, arquitetos e designers fariam – se é que fariam – de diferente das outras áreas, que justificaria a existência de uma categoria de pesquisa distinta denominada *PbR*. O raciocínio que fazemos é que se toda a produção acadêmica desenvolvida em áreas de prática projetual se encaixasse em algum modelo pré-existente como os das áreas das humanidades e estudos humanos, ciências naturais e tecnológicas, sociais e aplicadas, então *PbR* seria uma categoria vazia e portanto desnecessária. Apesar dessa abordagem possivelmente produzir o efeito de focar atenção naquilo que (inevitavelmente) constitui evidência, que é particular a determinada área de pesquisa, a nossa intenção não é a de nos concentrar exclusivamente nesses atributos particulares.

Uma das razões de termos escolhido focar nos aspectos em comum entre prática projetual e outras disciplinas ao invés de focar nas diferenças que possam caracterizar as áreas de prática projetual como sendo especiais, provem do contexto universitário. Nas universidades existem várias comissões e conselhos de pesquisa e pós-graduação que controlam a qualidade da pesquisa que é desenvolvida em todas as áreas e disciplinas. Em tais fóruns é vantajoso que todas as disciplinas possam ser comparadas e discutidas sob bases equivalentes de modo a garantir a igualdade de tratamento. Frequentemente é necessário discutir em uma comissão composta de engenheiros, psicólogos e astrônomos por exemplo, se o título de PhD deve ser atribuído a uma tese desenvolvida na escola de artes plásticas. A nossa posição coloca que é vantajoso termos condições iguais, a qual chamamos de Posição Situada. A posição oposta, que afirma que áreas de prática projetual são de alguma forma especiais e, portanto, deve ser concedido a elas critérios e regras especiais, nós chamamos de Posição Isolacionista. No clássico de Lewis Carroll, Humpty Dumpty resolve uma discussão com Alice dizendo que: “Quando eu emprego uma palavra, ela quer dizer exatamente o que eu quero que ela diga; nem mais nem menos.” (Carroll, 2007 [1872]: 98). Este é um exemplo da Posição Isolacionista. Afirmar que áreas de prática projetual são independentes, dentro das quais podemos definir por nós mesmos o que é pesquisa e que o faremos sem referencia a mais nada, é igualmente improfícuo e resulta em baixo nível acadêmico. Se não fosse necessário jamais interagir com outras disciplinas, essa abordagem isolacionista poderia ser aceitável. Entretanto, esse não é o caso na academia. Acadêmicos existem dentro de um ambiente comparativo e competitivo, e portanto precisam encontrar-se e localizar-se em relação a seus pares. São membros da comunidade acadêmica como um todo e não apenas das comunidades de colegas afins, dentro das outras áreas de prática projetual.⁴

Humpty Dumpty também ilustra a crença dos autores que as palavras que usamos pra falar de um problema constitui como e o que pensamos ser o problema, o que pode ser dito a respeito, e até, é claro, se é que devemos usar palavras. Estamos cientes de que a inefabilidade é uma das preocupações que alguns criativos querem levantar, a qual será discutida neste artigo, i.e. se não estaríamos já comprometendo o potencial do *PbR* ao falarmos sobre ele ao invés de fazê-lo, ou pintá-lo, ou dançá-lo, ou construí-lo.

Alguns críticos alegarão que é uma atitude ousada especificar um conjunto de critérios assim como definir um numero, e.g. oito ao invés de sete ou nove, pois tal atitude inevitavelmente nos amarrará a essas afirmações que, os autores admitem, foram motivadas por certo nível de frustração quanto à falta de progresso na área. Apesar dos mais de quinze anos de debate no Reino Unido sobre o *PbR*, e do extenso numero de congressos, simpósios e tal, parecem haver poucas respostas apesar das perguntas continuarem a se acumular. A proliferação terminológica, tal qual foi apresentada no começo desse artigo, reforça essa impressão.

É importante que a comunidade que está afirmando esses conceitos e práticas, esteja mais clara sobre o que é *PbR*. Esse é o objetivo da presente indagação. Os oito critérios possibilitarão uma reação ao problema pois darão fundamentos iniciais para o julgamento, mesmo que subsequente seja decidido pela comunidade que estes precisam ser modificados ou até rejeitados. Ter conceitos explícitos possibilitará a seleção de casos para discussão.⁵ A falta de critério inevitavelmente atrapalhará tal julgamento e, portanto, qualquer progresso nessa área. Pode também ser que a pergunta ‘O que é *PbR*?’ seja em si uma pergunta mal construída. De fato, pode ser que o debate que já dura quinze anos no Reino Unido seja um indício de que a própria pergunta seja irrespondível, paradoxal ou problemática e controversa em termos do que poderia constituir-se em evidência. Os autores tendem na direção da última possibilidade e, portanto, não antecipam que uma resposta ao problema provenha de investigações empíricas.

Um dos métodos comumente adotado no Reino Unido para tratar do problema do que significa *PbR* consiste em tomar como evidência aquelas atividades às quais já foi dado o nome de ‘*PbR*’. Um

exemplo disso seria as conferências *Matrix* sediadas pela University of the Arts London. Tais análises compilam as atividades que são rotuladas como pesquisa com o intuito de inferir um modelo genérico do que constituiria *PbR*. O problema com essa abordagem os casos que são tomados como exemplo não escapam ao questionamento: com base em quê são eles rotulados como sendo *PbR* se esta é justamente a questão sob investigação? Isso descreve um argumento circular que por certo reforçará o *status quo*. Nós chamamos esse o Problema de Circularidade. Acreditamos ser esse problema uma consequência direta da implementação não-crítica dessa abordagem, o que levou à estagnação e à falta de progresso da parte de vários grupos bem intencionados cujo objetivo era fazer uma contribuição a esse debate.

ESTRUTURA

O *Arts and Humanities Research Board* (AHRB) do Reino Unido, estabelecido em 1998 e elevado de *Board* à categoria de *Council* em 2005, tomou uma medida construtiva quando publicou pela primeira vez a descrição do que constituiria pesquisa em todas as áreas sob sua jurisdição. Muito do trabalho que vem sendo desenvolvido em torno do *PbR* no Reino Unido ao longo dos últimos quinze anos pode ser caracterizado como sendo pioneiro. Aceitamos que esses esforços tenham sido feitos em boa fé e reconhecemos a dificuldade da tarefa, mas esses passos pioneiros foram dados dentro de um vácuo acadêmico no qual faltavam critérios claros. Como resultado disso, pode ser que esses exemplos iniciais não sobrevivam como paradigmas de *PbR* eficaz e que, no futuro, a academia venha a adotar uma visão do que seja paradigmático que é bastante diferente. Entretanto, a academia só poderá ter chegado a essas conclusões a partir da reflexão sobre estes estudos iniciais.

Em termos metodológicos, para poder contribuir para a identificação dos critérios determinantes do que constituiria *PbR*, é preciso um processo normativo. Se considerarmos como certos termos chave, como ‘pesquisa’ por exemplo, são usados em outras disciplinas mais estabelecidas onde talvez haja um consenso sobre a eficácia de um modelo, poderíamos considerar como este modelo poderia ser traduzido para o contexto criativo de uma maneira significativa e relevante. Entretanto, tomando um exemplo de Ludwig Wittgenstein (1953: I-§50), é um problema peculiar o questionamento de uma norma – como a precisão do comprimento do metro padrão em Paris – significaria julgar que o metro padrão é longo ou curto demais? Se, para defendermos o comprimento do primeiro metro fazemos

alusão a um exemplar, caímos no mesmo problema de quando tentamos definir o que seja *PbR* fazendo referência aos primeiros exemplos pioneiros, i.e. sofremos do Problema da Circularidade.

O argumento apresentado neste artigo como uma alternativa à Posição Isolacionista e uma solução ao Problema da Circularidade é o de uma abordagem com base em critérios na qual é possível identificar e analisar como os termos são usados em outras áreas, mesmo que uma interpretação especializada particular seja necessária para mapear esses termos dentro dos casos atuais e julgar se dado exemplo é ou não *PbR*.

Ao construir esses critérios, nosso objetivo é encontrar alguns termos definitivos que pensamos ser essenciais e que são característicos da pesquisa em todas as áreas acadêmicas. cremos que, em adotando essa abordagem, conseguimos precipitar uma definição de que tipo de pesquisa é a baseada na prática projetual. De especial interesse é o potencial de elaboração de ferramentas que possam ser usadas para fazer julgamentos do tipo que poderiam responder à pergunta geral: aquilo é pesquisa ou é outra coisa?, i.e. considerando-se o Problema da Circularidade. Ao desenvolver esses critérios, estamos também fazendo certas afirmações sobre o que seria a pesquisa acadêmica. Entretanto, nosso método não é circular mas sim axiomático. Um argumento axiomático procede de algumas declarações que são impossíveis de verificar, que existem fora da estrutura do argumento – paradigmaticamente tendo sido empregado por Euclides (1956). Um axioma que identificamos em nossa própria abordagem é que assumimos que a pesquisa é um processo cumulativo.

O fato que a pesquisa é cumulativa funciona como um axioma em nosso raciocínio. Trata-se de uma afirmativa fundamental que não pode ser explicada e para a qual o nosso sistema não pode dar justificativa. Outros estudiosos não fariam necessariamente a mesma afirmação e, como resultado, seus argumentos e raciocínio diferem dos nossos. Axiomas são discricionários e é importante para a transparência do argumento acadêmico que aqueles que são adotados sejam identificados logo de início pois, além de serem infáveis, i.e. eles não são explicados pelo pesquisador que os adota e tampouco podem ser explicados dentro de seu sistema de raciocínio, ser discricionário significa que é igualmente válido adotar-se outro axioma. Um sistema não é necessariamente melhor que outro. Entretanto, é necessário que aquele que for adotado seja usado de maneira constante.

Se a pesquisa é cumulativa, então aquilo que é feito simplesmente para o avanço pessoal do indivíduo não é pesquisa. Em inglês é comum usar a palavra ‘pesquisa’ em sua forma mais ampla, para significar o ato de investigar com o objetivo de descobrir algo. Entretanto, a pesquisa acadêmica é diferente por requerer a descoberta algo que ninguém sabe, não apenas algo que o pesquisador não sabe, e é isso que a torna cumulativa. De acordo com esse uso acadêmico da palavra, o pesquisador individual precisa identificar aquilo que já foi descoberto: qual o estado do conhecimento, o estado da iconografia, e assim por diante. Uma das implicações dessa situação é que os resultados da pesquisa precisam ser arquivados, precisam ser guardados de alguma maneira a torná-los acessíveis para que outros possam verificar aquilo que já é sabido ou compreendido, e assim conduzir uma identificação da lacuna de conhecimento.

QUATRO CRITÉRIOS PARA PESQUISA ACADÊMICA

Os oito critérios que estão sendo apresentados aqui correspondem a dois grupos de quatro critérios: os primeiros quatro estão mais fortemente ligados a modelos tradicionais de pesquisa, ao passo que o segundo grupo de quatro critérios diz respeito a interesses específicos dos praticantes. Os primeiros quatro critérios formam o núcleo do modelo que também caracteriza os modelos tradicionais e dominantes de pesquisa acadêmica, e como tal, são comparáveis à pesquisa de alto nível em outras áreas. Por exemplo, Robert Merton identificou quatro normas da pesquisa científica: Comunismo, Universalismo, Desinteresse e Cepticismo Organizado, conhecidos pelo acrônimo CUDOS (Merton, 1973 [1942]). Entretanto, essas normas podem ser mais reconhecíveis em áreas de prática projetual se consideradas no contexto da pesquisa qualitativa, e.g. ‘transmissibilidade’ e ‘generabilidade’ ao invés de ‘Universalismo’ (Lincoln e Guba: 2000).

Perguntas e respostas

É inevitável que a pesquisa contenha certas perguntas. No entanto, declarar algo tão simples assim parece confrontar certas pessoas das áreas de prática projetual. É comum que artistas, por exemplo, fiquem desconfortáveis quando lhes é pedido que coloquem a pergunta central de sua investigação (cf. Balkema and Slager, 2004: 157-179). Isso pode ser resultado desses profissionais não estarem acostumados a trabalhar em um contexto dentro do qual uma pergunta explícita seja central ou

necessária. É inevitável que a pesquisa tenha uma pergunta, questão ou foco central pois é essencial que o pesquisador consiga propor uma resposta ou reação a ela como contribuição. Pode parecer trivial, mas simplesmente motivar-se por um interesse particular não é um bom ponto de partida pois é pouco provável que a atividade precipite um resultado que será relevante para o público acadêmico que irá consumi-lo para que o processo de acumulação possa começar. Pergunta e resposta é uma questão fundamental que ocupa posição central em atividades de pesquisa em outras disciplinas mas que é demais ignorado em áreas de prática projetual. O processo de pesquisa fica mais fácil se a pergunta é trazida para a superfície, mesmo que seja emoldurada como tema ao invés de uma pergunta particular. O termo ‘emoldurar’ vem do livro *The Reflective Practitioner* de Donald Schön (1991) no qual ele encontra uma série de substitutos úteis para termos não familiares ou pouco flexíveis que existem nos domínios da pesquisa tradicional. A ausência de uma pergunta e resposta, ou de seus equivalentes terminológicos, pode indicar prática profissional ao invés de pesquisa acadêmica.

Conhecimento

A pesquisa é conduzida em um contexto de relevância que é fornecido pelo público, i.e. o público é quem dá significado à atividade de pesquisa. Por exemplo, se fosse feita a pergunta ‘O que é a lua?’ para um grupo de astrônomos, eles talvez buscassem tabelas de medidas e fotografias de satélite pra responder a pergunta. Entretanto, se fosse feita a mesma pergunta para artistas, estes talvez buscassem tinta e tela, ou talvez escrevessem um poema. Existem diferentes maneiras de se responder a uma única pergunta que são relevantes e fazem sentido para diferentes públicos. Isso significa que perguntas, respostas e métodos não podem ser transferidos livremente de uma disciplina para outra porque perguntas e respostas podem ficar sem sentido à medida em que são re-contextualizados. Dê o poema aos astrônomos e eles ficariam extremamente insatisfeitos com ele como resposta, e o mesmo pode ser dito da comunidade artística que ficaria extremamente insatisfeita com uma resposta envolvendo rochas e órbitas. Além dos interesses de disciplinas específicas, a resposta a uma pergunta também depende da natureza geral das perguntas: o que é perguntar algo e, em particular, como seria uma resposta para essa pergunta – o que nos satisfaria. No início de *O Livro Azul*, Wittgenstein pergunta: ‘o que é o sentido de uma palavra?’ pois um de seus interesses é justamente: ‘a que se assemelha à explicação de uma palavra?’ (Wittgenstein, 2008 [1958]: 21).

O que constitui uma pergunta e uma resposta, é um resultado do como aquela comunidade entende o que constitui o conhecimento. O conhecimento pode ser de tipos diferentes e, de acordo como a natureza que lhe é atribuída, existem diferentes expectativas quanto à contribuição que o conhecimento fará. O conhecimento pode contribuir de forma explícita e/ou teórica, de forma prática relativamente às habilidades, ou de maneira incorporada e/ou pessoal como parte da experiência do indivíduo, etc. O entendimento que se tem do conhecimento e a expectativa de como e o quê o conhecimento irá contribuir é, em contra partida, condicionado pelas diferentes convenções pertencentes aos diferentes públicos.

Métodos

Se a pergunta e resposta são priorizados, a problemática questão do método também fica mais fácil. Pode ser útil expressar o vínculo entre as condições necessárias para pesquisa acadêmica em forma de diagrama (Figura 1). Existe uma sobreposição inicial entre pergunta e resposta pois uma pergunta bem formulada sugere sua resposta dentro de um contexto guiado pelo público alvo: uma pergunta filosófica pede uma resposta filosófica, uma pergunta causal pede uma resposta causal, e assim por diante (Biggs and Büchler, 2007: 68). Diferentes disciplinas têm interesses que são particulares à cada disciplina e para os quais são necessárias respostas que são particulares àquela disciplina. Existe uma ligação que está representada na sobreposição entre pergunta e resposta, e o método fornece ainda mais ligação, i.e. se nos interessamos por essa pergunta específica, então um percurso específico seria apropriado para descobrir algo ou desenvolver uma interpretação dessa questão e assim precipitar um resultado significativo.

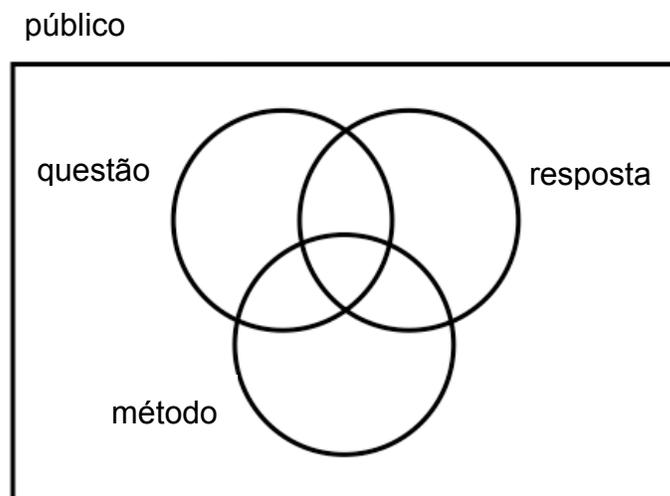


Figura 1: Representação diagramática das condições necessárias para pesquisa acadêmica.

Essa maneira de se descrever a ligação entre as condições necessárias para pesquisa acadêmica cria uma estrutura prática e pragmática através da qual se pode avaliar a adequação de um método, que é algo que não é tão obvio nas áreas de prática projetual e que, aparentemente, também cria receio entre filósofos. Um professor anônimo de filosofia relatou aos autores que doutorandos em filosofia acham difícil descrever seus métodos por estes resumem-se a ‘ler alguns livros e chegar a um novo ponto de vista sobre eles’. Tampouco os pesquisadores nas áreas projetuais seguem um único ou dominante modelo de investigação como ocorre em outras áreas. Em engenharia química, por exemplo, o teste de lixiviação é rotineiramente usado como meio de verificar a estabilização/solidificação de rejeitos químicos na prevenção e controle da poluição. Assim, as técnicas e formas de análise que compõem o teste de lixiviação fariam parte do treinamento do profissional, e deveriam ser adotados por todo e qualquer profissional daquela área. Isso não ocorre em áreas de prática projetual e é portanto necessário encontrar maneiras pragmáticas de se avaliar o quão apropriado é um método para uma pessoa e seu trabalho. A nossa proposta para se determinar se o método é ou não apropriado está baseada no quanto a resposta é uma consequência de, e relevante à, questão, dentro do contexto das necessidades do público.

Públicos

O público substancia o raciocínio para se decidir se uma questão, uma resposta e um método são relevantes. Esse conceito, no entanto, poder ser uma maneira liberal demais para descrever o cenário dentro do qual se toma essa decisão, pois significaria que comunidades particulares poderiam descrever e definir por elas mesmas o que constituiria pesquisa acadêmica. Essa é exatamente uma das preocupações expressadas no começo desse artigo, pois acreditamos que os pesquisadores das áreas de prática projetual não se beneficiariam em criar para si uma definição que não interceptasse a definição de outras comunidades acadêmicas, i.e. estando em uma Posição Isolacionista. Se afirmarmos que o público cria e consome a pesquisa, e se autorizarmos esse público a decidir se questões, perguntas e métodos são ou não relevantes, apropriados ou significativos, então esse público encontra-se em condição para tomar decisão sobre praticamente qualquer coisa. Essa situação se torna preocupante, fato que evidencia a existência de mais de um público a ser considerado.

Propomos a existência, para além do público acadêmico em geral, de um público especializado que irá consumir a pesquisa. Na Figura 2, o retângulo menor representa o público acadêmico especializado que está em uma posição para decidir acerca da relevância e adequação da questão e método e assim por diante. O especialista e seu público estão situados dentro da grande área do público acadêmico representado pelo retângulo maior externo. Isso demonstra que o público especializado, neste caso as áreas de prática projetual, não estão em uma posição de onde poderiam decidir definições unilateralmente. Apesar da possibilidade da existência de uma interpretação especializada e de tópicos de interesse dentro do retângulo menor que outras pessoas não necessariamente compartilham, as pessoas de fora, da comunidade acadêmica em geral, têm o direito de criticar aquilo que o público especializado está ou não está validando como ‘pesquisa’. Essa é uma consequência da Posição Situada.⁶

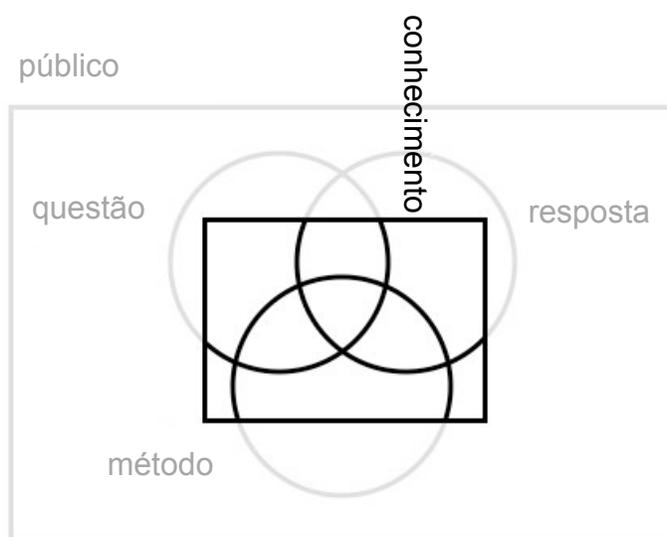


Figura 2: Representação diagramática do público especialista e conseqüências do conceito de conhecimento em diferentes áreas acadêmicas.

O retângulo menor no centro do diagrama na Figura 2 contém perguntas, métodos, respostas ou atitudes que fazem sentido para o público especialista. Dentro da resposta significativa produzida para aquele público, existe o novo conhecimento e a nova interpretação que, mais uma vez, tem sentido para aquela comunidade e que, com a mediação apropriada, terá sentido para o público acadêmico como um todo. Por exemplo, já sugerimos que é possível interpretar Schön como um autor que mediou alguns conceitos tradicionais de pesquisa acadêmica para o público das áreas projetuais. Esse argumento indicaria portanto que *PbR* é um subgrupo de pesquisa acadêmica ao invés de ser um tipo de pesquisa totalmente diferente. Como tal, o *PbR* estaria intrinsecamente ligado a práticas e conceitos transferíveis do mundo do acadêmico da geração e gestão de conhecimento, e assim, não seria passível de infinitas renegociações por parte dos praticantes.

MAIS QUATRO CRITÉRIOS ADICIONAIS PARA PBR

Creemos, como Merton, etc., que dentro do retângulo maior na Figura 2 existem critérios que definem pesquisa acadêmica *per se*. No caso que exploramos aqui, acreditamos que são quatro os critérios, e essa parte do texto considerará se dentro do retângulo menor existiriam quesitos específicos à disciplina

que ajudarão a identificar critérios que são específicos à disciplina. Fazendo uso de nosso argumento normativo, nós identificamos uma série de problemas e preocupações no desenvolvimento de pesquisa acadêmica nas disciplinas específicas às áreas de prática projetual, e organizamos esses problemas e preocupações na forma de critérios para *PbR*. Como afirmamos acima, a maioria das comunidades acadêmicas estabelecidas aceitariam os quatro primeiros critérios, ao passo que esses próximos quatro critérios pertencem aos interesses particulares dos praticantes. Esses últimos quatro critérios são introduzidos de forma provisional, como uma maneira de explorar as ligações entre estes e os quatro anteriores, e sua relevância para as comunidades de prática projetual. Assim sendo, esse artigo propõe alguns critérios específicos para prática projetual para oferecer aos nossos pares algo contra o que reagir, ao invés de perpetuar o estado vago e irresoluto que criticamos no início deste artigo. Pudemos identificar esses critérios quando nos distanciamos das preocupações específicas e exploramos qual seria o intuito da pesquisa acadêmica ao adotar práticas institucionalizadas tais como publicar em periódicos ou montar exposições. Por fim, reconhecemos que, no estado em que estão, esses estariam sendo expressados como quesitos ou indicadores ao invés de como critérios, mas faz parte da pesquisa em andamento dos autores o desenvolvimento desses de um modo comparável ao dos primeiros quatro critérios.

O papel do texto e da imagem

Para justificar o uso de elementos não-textuais ou não-lingüísticos (seja imagem, áudio, maquete, etc.) que formam parte de sua atividade projetual em sua pesquisa acadêmica, o pesquisador em áreas de prática projetual precisa encontrar um papel necessário e suficiente para esses elementos em sua pesquisa. Entretanto, imagens não são sempre necessárias e podem cair dentro de diferentes categorias dependendo do papel que exercem. Por exemplo, uma ilustração pode acompanhar um texto como *Alice no País dos Espelhos*, mas poderíamos ler uma versão não-ilustrada sem prejuízo algum. De fato, algumas pessoas podem até preferir fazê-lo, e assim criar suas próprias imagens mentais. As imagens nos guiam em direção a um vocabulário particular de formas e linhas, e algumas pessoas podem preferir uma versão com ilustrações mais contemporâneas que as originais de Tenniel, ou preferir ilustração alguma. Para a apreciação do trabalho, as imagens são opcionais. Por outro lado, existem exemplos de sucesso onde foi feito uso, para fins de comunicação, de imagens ao invés de palavras. Por exemplo, a loja internacional de mobiliário IKEA poderia usar instruções escritas traduzidas para várias línguas, mas ao invés, desenvolveu um sistema de vocabulário visual eficaz que explica como montar suas peças usando apenas ilustrações.

Entretanto, os exemplos mais interessantes para nossos propósitos são os de práticas que facilitam a descoberta, através do desenho, através das imagens ou através do som, onde algo é descoberto que não poderia ter sido descoberto através de nenhum outro meio. Por exemplo, ‘*Graphical Statics*’ é um método gráfico usado para calcular forças dentro de estruturas. Ao invés de funcionar numericamente, trata-se de uma técnica diagramática para realizar cálculos onde desenham-se linhas e medem-se ângulos e comprimentos a fim de descobrir algo não-visual. Trata-se de um método visual para o cálculo de forças. Um outro exemplo visual vem da arquitetura: quando estava projetando o Parque Güell em Barcelona, Gaudí pendurou correntes do teto, fotografou-as, então virou as imagens de cabeça para baixo e copiou os arcos que se formaram, assim criando as curvas catenárias que seriam usadas na construção. Ambos são exemplos interessantes de uma prática – seja a de desenhar algo ou executar algo ou construir algo – que resulta em uma solução para um problema específico, sem a intervenção da linguagem textual.

Apesar desse ser um paradigma frutífero dentro do qual as imagens contribuem para o conhecimento, é difícil imaginar que a pesquisa acadêmica pudesse apoiar-se exclusivamente no uso de imagens. O primeiro livro publicado sobre *graphical statics* continha texto (Culmann, 1865), e poderíamos então defender que o método foi validado através de uma descrição textual e através de paradigmas e exemplos gráficos. Podemos escrever sobre as curvas catenárias de Gaudí, assim como gerá-las usando sua técnica. A situação exemplifica uma diferença fundamental entre a prática projetual e a pesquisa acadêmica: a segunda visa explicitar suas asserções e raciocínios, freqüentemente através do uso do texto, uma vez que o texto possibilita um meta-comentário que se refere ao porquê das técnicas funcionarem e não apenas uma demonstração de que funcionam, como ocorre na prática projetual.

O relacionamento entre a forma e o conteúdo

O relacionamento entre o elemento textual e o não-textual pode ser visto como um relacionamento entre forma e conteúdo. Apesar de ser provável que as palavras sejam necessárias para a eficaz defesa de um argumento acadêmico, gostaríamos aqui de abrir a questão: porque existe um número estabelecido de palavras para uma tese de doutorado, porque esse número, com base em quê achamos que seja de alguma forma necessário? Para responder a essa questão, usando nosso método, sugerimos que é necessário afastar-se de respostas institucionalizadas particulares e considerar porque

precisaríamos de palavra alguma, considerar o que é que a tese de doutorado estaria tentando fazer. A partir daí, podemos deduzir o que o modelo de conhecimento que uma comunidade assume é, e que meio, e.g. palavras, é necessário para comunicá-lo.

Dentro de uma descrição com base em critérios do que constituiria uma tese de doutorado, é necessário criar-se um modelo de conteúdo que inclui declarações como: ‘o trabalho deve fazer uma contribuição original ao conhecimento ou à interpretação, e posicioná-lo em um contexto histórico e crítico’ (Frayling, 1997: 12). A segunda parte dessa descrição, ‘...posicioná-lo em um contexto histórico e crítico’, requer que o pesquisador vá além do objeto, e isso é conseguido com maior eficiência através de uma discussão sobre o relacionamento desse objeto com outros objetos. É possível que se consiga posicionar algo dentro de um contexto histórico e crítico sem o uso de palavras, entretanto parece ser inevitável que nos afastemos do artefato em si. Escrever é uma maneira *eficiente* de se contemplar o requisito relativo a conteúdo que dita ser necessário posicionar um estudo em um contexto histórico e crítico. Entretanto, pode ser que não seja a única forma, e.g. o pesquisador poderia contextualizar uma exposição de arte com outra, ou fazer passar o observador por algum processo antes de apresentá-lo ao trabalho em questão.

A recomendação que é feita de afastamento da forma prescrita e consideração do conteúdo, objetiva revisitar aquilo que o processo de pesquisa estaria tentando satisfazer antes de assumir que *esse* formato particular é a melhor maneira de se conseguir *aquilo*. O desejo de se incluir, por exemplo, pinturas dentro da pesquisa deve ser questionado para que seja possível decidir se essa é a maneira mais eficaz de lidar com os quesitos presentes no projeto de pesquisa. A consideração do conteúdo da pesquisa deve ajudar o pesquisador a se afastar das afirmativas, especialmente aquelas que são conseqüências de estereótipos ou preconceitos quanto à forma. Talvez, ao invés de se perguntar sobre o papel da forma para a transmissão eficiente do conteúdo, uma pergunta mais frutífera seria investigar o que seria perdido se a forma não-tradicional *não* fosse usada, i.e. se o conteúdo de uma tese não-tradicional fosse apresentado em uma forma tradicional.

A função da retórica

O terceiro critério que estamos propondo é a retórica, pela qual queremos dizer ‘o processo de constituir as coisas através da linguagem’ e não ‘a qualidade de ser persuasivo’. Como tal, a retórica se refere ao impacto que a linguagem tem sobre o que podemos ou não pensar (Wittgenstein, 1971: §5.6). Isso significa que o como algo é dito, e inclusive o fato de se dizer algo, começa a dirigir o pensamento de determinada maneira. Essa parece ser uma objeção levantada por vários praticantes, pois sente-se que o potencial para a descrição, argumentação e resultado (ou outras alternativas não-lingüísticas) no âmbito visual pode ser comprometido ao se falar, pois esses aspectos da criação não compartilham, necessariamente, da estrutura linear da linguagem, por exemplo (Lin and Biggs, 2006).

Apesar dessa ser uma objeção importante, não significa que deve se deixar que o trabalho fale por si mesmo: o que Peter Vergo chama a abordagem ‘estética’ (Vergo, 1989: 48). Mas significa sim, que existe, potencialmente, um modelo de conhecimento e comunicação totalmente diferente nas áreas não-lingüísticas. Essa é uma proposição poderosa, e uma à qual conceitos como o ‘conhecimento Mode-2’ (Gibbons et al., 1994) fazem alusão. Essa questão da alternativa paradigmática é um problema de larga escala, certos aspectos da qual estão sendo pesquisados atualmente pelo grupo de pesquisa ‘*Research into Practice Cluster*’ na Universidade de Hertfordshire, no Reino Unido. Não obstante, a objeção de que a linguagem confina o visual é uma objeção poderosa e uma que deve ser considerada criticamente, apesar de considerarmos estar fora do escopo deste artigo.

Uma das limitações de se considerar a questão da retórica em pesquisa em áreas de prática projetual se refere à Posição Situada que adotamos neste artigo. Isso significa que uma abordagem crítica à questão da retórica deve reter seu sentido dentro da comunidade acadêmica. Certos quesitos como o potencial para a comunicação não-lingüística devem entrar em evidência, mas deverão então ser comunicados de uma maneira que a comunidade acadêmica considere significativa e consequencial. Esse processo interativo é necessário se queremos fazer certas colocações sobre o potencial da comunicação não-lingüística na pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual que seja reconhecida além das áreas projetuais. Para que a pesquisa em áreas de prática projetual seja reconhecida, é necessário considerar e alinhar-se às exigências da grande comunidade acadêmica. Uma abordagem com base em critério(s) é útil nesse ponto pois ajuda a identificar e desmontar estereótipos que freqüentemente estão escondidos e profundamente enraizados nas comunidades. A abordagem ajuda a desviar de noções preconcebidas a

respeito de como a pesquisa deveria se parecer, que é uma consequência do problema da retórica (Biggs, 2002).

A função da experiência

O último dos quatro critérios que dizem respeito à pesquisa em áreas de prática projetual é a função da experiência. Pesquisadores-praticantes muitas vezes consideram a experiência como sendo a contribuição mais importante que um objeto traz e que, portanto, deve ter um papel essencial no resultado da pesquisa em prática projetual. Entretanto, a experiência é um componente problemático na pesquisa acadêmica por causa de sua subjetividade filosófica, pela qual queremos dizer que ela refere-se à experiência pessoal do indivíduo. Aquilo que é experiencial está na primeira pessoa e não é portanto transferível para outras pessoas.

Existe uma discussão filosófica que considera até que ponto o mundo externo é compartilhado ou pessoal, discussão essa subjacente ao debate sobre a aparência e a realidade. Apesar de não haver uma solução definitiva, é importante reconhecer que, uma vez sendo a experiência algo pessoal, a sua transferência é problemática opondo-se assim ao axioma da acumulação e à idéia de que existiria algo que pode ser compartilhado para a construção da massa de conhecimento e interpretação. Uma característica da prática projetual e da pesquisa nesta área é que a motivação inicial as vezes surge a partir de uma forte experiência de algum tipo que acaba por precipitar uma reação emocional ou estética. Apesar disso, não recomendamos que essa experiência subjetiva seja mantida como o foco da atividade de pesquisa. Mesmo se procuramos algum conteúdo transferível dentro da forma holística da experiência, não está claro como seria o conteúdo experiencial. Mesmo se a sensação experiencial fosse tomada como indicativa da presença de algo mais que é de legítimo interesse, ainda não está claro o que esse algo mais seria. A pesquisa acadêmica exige que suas contribuições sejam não-ambíguas, portanto a falta de clareza na comunicação do conteúdo experiencial apresenta ainda mais dificuldades para a inclusão da experiência em *PbR*.

CONCLUSÃO

Como discutimos acima, no tocante à correlação entre pergunta, resposta, método e público, a comunidade acadêmica pode divergir quanto a como seria uma resposta à pergunta: 'O que é *PbR*'? .

Esse artigo propõe que, para dirigir-se à questão, a comunidade precisa desenvolver um conjunto de critérios que podem ser usados para delimitar as fronteiras da pesquisa e para identificar casos. Não afirmamos que exista uma única resposta à pergunta, mas através dos oito critérios propostos neste artigo, oferecemos um ferramental provisional com o qual é possível fazer alguns avanços. Os critérios tem esse potencial por contemplarem questões genéricas e transferíveis sobre o que constitui pesquisa acadêmica, ao invés de se deixarem diluir pelos rótulos específicos às áreas e pelas particularidades da forma. Estes critérios estão atualmente sendo usados no projeto *Swedish Architecture Theses* entre as universidades de Hertfordshire (Reino Unido) e Lund (Suécia). A pergunta que o projeto contempla é a natureza do *PbR* em pesquisa em nível de doutorado em arquitetura na Suécia, que o grupo de pesquisa entende ser uma questão ontológica que requer primeiramente a qualificação de categorias e conceitos da pesquisa acadêmica.

Os oito critérios que propusemos derivam de uma investigação axiomática das condições necessárias para a pesquisa, usando uma abordagem com base em critérios. Uma ‘posição’ e um ‘axioma’ foram adotados no argumento: a Posição Situada e o axioma de que a pesquisa é cumulativa. Os critérios resultantes trazem uma série de conseqüências e implicações. Uma é que a pesquisa precisa ser disseminada, para que contribua para a acumulação do conhecimento. Quando o trabalho é disseminado ele demonstra, através da possibilidade de comparação, se é ou não original. A originalidade é portanto outra conseqüência desses critérios. A originalidade é importante por causa da suposição que a pesquisa deve ser um processo cumulativo e que não há interesse em se acumular algo que já existe. As noções de originalidade e disseminação são, portanto, conseqüências do axioma de pesquisa como sendo uma atividade cumulativa, e da Posição Situada que a pesquisa em áreas de prática projetual ocupa. Propomos que todos os outros conceitos centrais de *PbR* podem ser derivados a partir dos oito critérios. Propomos ainda que esses critérios podem ser usados para a identificação de casos de *PbR*, assim fornecendo uma ferramenta para a solução do Problema da Circularidade.

AGRADECIMENTOS

A ‘abordagem com base em critérios’ foi desenvolvida durante a visita prolongada na Universidade de Lund, a qual foi financiada pela Vetenskapsrådet (Conselho de Pesquisa Sueco) e o Swedish Institute. Os autores gostariam de agradecer também aos participantes de vários seminários que foram sediados

no Reino Unido e na Suécia, o comentários que foram muito úteis ao longo do desenvolvimento deste artigo.

REFERENCIAS

- BALKEMA, A. W. & SLAGER, H. (2004) *Artistic Research*, Amsterdam, Rodopi B. V.
- BIGGS, M. & BÜCHLER, D. (2008) Eight Criteria for Practice-based Research in the Creative and Cultural Industries. *Art, Design and Communication in Higher Education*, 7, 5-18.
- BIGGS, M. A. R. (2002) The Rhetoric of Research. IN DURLING, D. & SHACKLETON, J. (Eds.). Staffordshire University Press.
- BIGGS, M. A. R. (2006) Necessary, Unnecessary and Sufficient Conditions. IN FRIEDMAN, K., LOVE, T., CÔRTE-REAL, E. & RUST, C. (Eds.). Centro Editorial do IADE.
- BIGGS, M. A. R. & BÜCHLER, D. (2007) Rigour and Practice-based Resarch. *Design Issues*, 23, 62-69.
- CARROLL, L. (2007 [1872]) *Alice no País dos Espelhos*, São Paulo, Editora Martin Claret.
- CULMANN, C. (1865) *Die graphische Statik*.
- EUCLID (1956) *The Thirteen Books of Euclid's Elements*, New York, Dover.
- FRAYLING, C. E. A. E. (1997) Practice-based Doctorates in the Creative and Performing Arts and Design. London: UK, UK Council for Graduate Education.
- GIBBONS, M., LIMOGES, C., SCHWARTZMAN, S., NOWOTNY, H., TROW, M. & SCOTT, P. (1994) *The New Production of Knowledge: the dynamics of science and research in contemporary societies*, London, Sage Publications.
- LIN, T.-J. & BIGGS, M. A. R. (2006) A preliminary study of learnable pictogram languages. In: Design Research Society International Conference, edited by FRIEDMAN, K., LOVE, T., CÔRTE-REAL, E. & RUST, C. Centro Editorial do IADE.
http://www.iade.pt/drs2006/wonderground/proceedings/fullpapers/DRS2006_0133.pdf
- MERTON, R. K. (1973 [1942]) The Normative Structure of Science. IN STORER, N. W. (Ed.) *The Sociology of Science: theoretical and empirical investigations*. London, University of Chicago Press.
- SCHÖN, D. A. (1991) *The Reflective Practitioner: how professionals think in action*, London, Arena.
- VERGO, P. (1989) *The New Museology*, London, Reaktion Books.
- WITTGENSTEIN, L. (1953) *Philosophical Investigations*, Oxford, Basil Blackwell.
- WITTGENSTEIN, L. (1971) *Tractatus Logico-philosophicus*, London, Routledge.
- WITTGENSTEIN, L. (2008 [1958]) *O Livro Azul*, Lisbon, Edições 70.

¹ O presente artigo é a tradução para o português do artigo originalmente publicado em inglês como: BIGGS, M. & BÜCHLER, D. (2008) Eight Criteria for Practice-based Research in the Creative and Cultural Industries. *Art, Design and Communication in Higher Education*, 7, 5-18., doi: 10.1386/adche.7.1.9/1

² Nossas provocações, e as posições que nos provocam, formam parte do debate acadêmico que existe em torno desse assunto. Nós nos beneficiamos dos comentários iluminadores de uma série de fontes e

neste artigo usaremos notas de rodapé para comentar possíveis contrapontos e interpretações que podem surgir em nossos leitores que não compartilham de nossas crenças fundamentais.

³ Para os propósitos do nosso argumento, não é preciso determinar qual a causa e qual o efeito, i.e se a terminologia usada condiciona o entendimento ou vice versa.

⁴ Nós reconhecemos que as áreas de prática projetual não só se beneficiam de tal relacionamento, mas que essas áreas também têm suas forças que podem vir a beneficiar outras áreas. Entretanto, nós defendemos que tais benefícios só poderão ser identificados e validados como sendo academicamente relevantes uma vez que os problemas que nós identificamos nesse artigo tenham sido tratados.

⁵ Já foi argüido por aqueles que nos têm criticado que critérios já teriam sido estabelecidos, por exemplo, pelos britânicos Arts and Humanities Research Council (AHRC) e UK Research Assessment Exercise (RAE). Na nossa opinião, apesar dos critérios do AHRC representar um marco importante, oferecem apenas um ‘process model’. Nós já defendemos que processos com base em condições contingentes ao invés de fundamentais oferecem, na melhor das hipóteses, condições necessárias mas não suficientes para a identificação de pesquisa BIGGS, M. A. R. (2006) Necessary, Unnecessary and Sufficient Conditions. IN FRIEDMAN, K., LOVE, T., CÔRTE-REAL, E. & RUST, C. (Eds.). Centro Editorial do IADE.. Por essa razão, nós acreditamos que a formulação de critérios deve ser um produto de uma ontologia de pesquisa explícita na qual o conceito de pesquisa em sua totalidade, é examinado. Da mesma forma, defenderíamos que instituições como a UK Quality Assurance Agency (QAA) baseassem seus critérios não na ontologia de pesquisa mas na ontologia de pedagogia.

⁶ A composição do público acadêmico geral, do público especializado e da comunidade como um todo é complexa, e uma questão que, reconhecemos, carece de maior consideração. Entretanto, esse artigo contempla, em um primeiro momento, o público acadêmico e, depois, dentro deste, o público acadêmico especializado das áreas de prática projetual. Poderíamos também perguntar: quem nós ‘autorizamos’ para fazer esses papéis? Nosso artigo implica que o especialista autorizado deve ser aquele que possui ‘um conjunto de critérios’ que ‘contempla[m] características genéricas e transferíveis do que constitui a pesquisa acadêmica’.